www.colectivolibertarioevora.wordpress.com * www.facebook.com/ColectivoLibertarioEvora

Nº 4

Fevereiro

2013

Acção Directa

Boletim do Colectivo Libertário de Évora

No dia 2 de Março, convocadas por várias associações e movimentos sociais, milhares de pessoas vão sair à rua em diversas cidades do país.
Para Évora, ao contrário do que aconteceu em várias datas importantes para o movimento autónomo, de protesto e indignação surgido das ruas e das Assembleias Populares, desta vez não está prevista qualquer iniciativa.
A nível individual, elementos do Colectivo Libertário de Évora estiveram ligados aos protestos de 15 de Outubro, 12 de Maio, 15 de Setembro, realizados localmente e, na sua maioria, com grande participação.
Desta vez tentámos também que isso acontecesse e contactámos diversos companheiros, de outras ideologias e envolvidos noutros espaços organizativos, para criarmos as condições para que ,também no dia 2 de Março, Évora estivesse com esta jornada nacional de protesto.
Tal como das outras vezes, propunhamos a criação de espaços horizontais e abertos de diálogo que permitissem a realização de uma iniciativa deste tipo, em que os eborenses pudessem, também eles, mostrar o seu protesto e indignação.
Não foi possível. Todas as portas a que batemos - mesmo as daqueles que tinham estado connosco em ocasiões anteriores - mostraram não estar interessados ou estarem mais interessados em manifestarem-se em Lisboa do que em promover uma concentração em Évora.
Será que esta situação se altera até dia 2 de Março? Vamos a ver. Nós continuamos empenhados em que a indignação se faça, também, ouvir em Évora.

R.T.

Números do desemprego mais altos de sempre

Todos os dias há 670 trabalhadores que ficam desempregados

D.R.

Desde que Passos Coelho tomou posse como primeiro-ministro, em Junho de 2011, já foram destruídos qualquer coisa como 360 mil empregos.
Todos os dias 670 portugueses vão para o desemprego, por hora são cerca de 27 trabalhadores que ficam sem trabalho. Isto dia após dia, no último ano. São números oficiais, muito abaixo da realidade, mas que dão uma imagem clara da situação de completa destruição da economia levada a cabo por este governo.
Os jovens saídos das universidades continuam a ser dos mais afectados pelo desemprego, mas também os trabalhadores de diversos sectores, nomeadamente os da construção civil que está completamente paralisada.
A tudo isto acresce o facto de muitos destes desempregados não receberem qualquer subsídio de desemprego, ou porque não tinham direito, segundo as regras da segurança social, ou porque já se esgotou o prazo previsto para a sua atribuição.
O desemprego de longo prazo também tem crescido e muitos desempregados são obrigados a viverem do assistencialismo caritativo, das refeições das misericórdias e associações cristãs, num recuo civilizacional que nos transporta aos tempos da grande pobreza em Portugal, no pós-guerra, em pleno fascismo.

Pág. 3

PORQUE OUTRO MUNDO É POSSÍVEL

Nesta edição:

" O objetivo do Estado é sempre o mesmo: limitar o indivíduo, domesticá-lo, subordiná-lo, subjugá-lo."— Max Stirner

Anarquismo & Organização

Organização, autonomia e federalismo

Luigi Fabbri

O princípio da organização em si é um dos postulados principais da doutrina anarquista. (...) Sem a organização a anarquia é tão inconcebível quanto o fogo sem o combustível para o fazer.(...)
Nós pensamos que mesmo a mais bela e perfeita organização estará destinada a morrer se os seus membros, por mais sábios que sejam em termos teóricos, permanecerem inactivos. A vantagem das organizações consiste no facto de que, em igualdade de outras condições, é preferível que pessoas decididas à acção estejam organizadas do que não organizadas, embora seja natural que um indivíduo isolado, mas pronto a agir, valha mais que mil pessoas inactivas e não organizadas.(...)
Organização não significa autoridade, governo ou humilhação, mas apenas: associação harmoniosa dos elementos do corpo social. Da mesma forma que queremos que todos os homens, um dia, estejam associados harmonicamente, preconizamos hoje, na luta pela preparação de um tal futuro, a associação harmoniosa dos anarquistas. A organização é um meio para atingirmos esse fim, e um meio mais condizente com as finalidades sociológicas do anarquismo.(...)
A organização, longe de limitar a liberdade individual, alarga-a e a torna-a verdadeiramente possível, pois proporciona a cada indivíduo uma soma maior de forças para vencer obstáculos e para avançar, forças estas que faltariam a cada indivíduo se considerado isoladamente.(...)
A organização não significa - repito - uma diminuição do eu, mas sim a possibilidade para este atingir, com a ajuda dos outros, o máximo da sua realização. A organização não significa o esmagamento ou a violação da individualidade própria a cada indivíduo, mas sim a sua satisfação, o seu enobrecimento, de modo a provocar no indivíduo uma alegria que tenha a ver com a procura do bem do outro e não do mal.(...)
Se quisermos agir, se quisermos fazer alguma coisa mais do que aquilo que o isolamento permite a cada um de nós fazer, deveremos saber com que camaradas podemos estar de acordo e com quem estamos em desacordo. Isto é especialmente necessário quando falamos de acção, de movimento, de estratégias que é preciso seguir, envolvendo muitas mãos, para conseguirmos obter alguns resultados que vão na direcção que pretendemos.(...)
A organização consciente é útil porque ela é o melhor meio - quando real e substancial e não apenas formal - para impedir um indivíduo ou um grupo de concentrar em si todo o trabalho de propaganda e de agitação, tornando-se assim um fiscal do movimento(...)
Autonomia e organização estão longe de serem termos contraditórios: ao contrário, exprimem com precisão o conceito que os anarquistas tem do indivíduo e da sociedade. “Autonomia e federação são as duas grandes fórmulas do futuro - diz o nosso amigo Charles Malato – e a partir de hoje, é nesta direcção que se orientarão os movimentos sociais.” Esta é também nossa ideia, pois pensamos que a organização encontra na forma federativa a melhor forma de se desenvolver num sentido verdadeiramente anarquista.

Roma, 15 de Junho de 1907

Teoria da Revolução

Nos dias que correm cada vez é mais evidente e mais urgente a necessidade de formar grupos de afinidade para não apenas teorizar soluções, mas principalmente para as por em prática. Todos sabemos que uma qualquer teoria económica ou social pode ser definida por uma pessoa ou grupo de pessoas, mas a prática dessa teoria deve ser posta em marcha por centenas de milhares ou de milhões de pessoas. Por exemplo, a teoria capitalista surgiu no século XVII, substituindo o feudalismo, e impôs-se através de Adam Smith. David Ricardi e Thomas Malthus.
Entre 1847 e 1848 surge o manifesto comunista de Karl Marx e Friedrich Engels em oposição à teoria capitalista.
Hoje em dia será que queremos uma economia baseada no trabalho assalariado? Queremos patrões e organizações verticais?
Queremos trabalhar assim ou queremos modificar totalmente este conceito de trabalho?

Que tipo de economia queremos ou desejamos?
Creio que a resposta teórica ao que desejamos já está resolvida, falta-nos é resolver o como pô-la em marcha, onde e, sobretudo, quanto tempo vai ser necessário para que ela aconteça.
O mesmo se aplica a outros tópicos essenciais para qualquer sociedade, como a Saúde, a Educação, a Habitação, a Alimentação, a Justiça, a Cultura, etc..
Os políticos e os partidos políticos são a cara visível do fracasso em todos os níveis da sociedade actual, que entregaram e delegaram a um grupo restrito que decide e define tudo sobre a economia mundial como muito bem lhe apetece e convém.
Quanto tempo falta para que tudo isto colapse? Este colapso será manobrado pelos de sempre ou devemos antecipar-nos? A revolução que todos desejamos sairá dos indignados, dos anarquistas, dos jovens sem emprego, dos desalojados? É importante que se tenha um nome ou um grupo? Ou, tal como aconteceu em Fuenteovejuna, quando se perguntar quem foi o responsável todos respondam que foi o povo!! Se à pergunta de quem é o vosso líder respondêssemos TODOS não haveria prisões no mundo para encarcerar todos os responsáveis, uma vez que todos sabemos que nenhuma revolução é instantânea nem tem êxito garantido, mas sim um processo lento e cheio de fracassos, e que só chega a bom porto quando se insiste e se suportam as piores tormentas.

SiSE

O desemprego continua a aumentar. No Alentejo a taxa de desemprego é superior à média nacional. Os números oficiais apontam para cerca de 1 milhão de desempregados. Estimativas mais realistas dizem que em Portugal há pelo menos 25% da população activa desempregada, o que equivale a 1,5 milhões de desempregados, para além de todos os precários e contratados a prazo.

Que o desemprego não te desmobilize!

Recentemente em França imolou-se pelo fogo um homem a quem tinha terminado o prazo para receber o subsídio de desemprego. Em Portugal, neste momento em que os números oficiais indicam cerca de um milhão de portugueses sem trabalho, mais de metade dos desempregados já não recebe ou nunca recebeu subsidio de desemprego. Há famílias na mais absoluta miséria. O subemprego e a precarização estão por todo o lado. Todos os dias cresce a entrega de casas aos bancos e, agora com a nova lei das rendas, muitos inquilinos são obrigados a deixarem as casas em que sempre viveram, enredados numa legislação que apenas visa proteger os proprietários Os próprios anúncios do IEFP (a conta-gotas, é verdade) apontam para ofertas (?) de emprego, em profissões especializadas, como técnicos de contas ou cozinheiros, por exemplo, com ordenados que mal ultrapassam os 500 euros. O plano de empobrecimento generalizado dos trabalhadores portugueses posto em marcha por este governo parece ter encontrado terreno fértil, quase sem oposição (tirando os desfiles folclóricos da CGTP ou algumas acções, quase sempre desgarradas, de grupos mais radicais), fazendo de cada trabalhador um simples objecto que se espreme para que dele saiam as moedas que ainda restarem.

Um Governo estatizante

Para além de ladrão este governo é também um dos mais estatistas e centralistas – apesar de se dizer liberal – que Portugal conheceu desde Abril de 1974. A fúria estatizante de tudo controlar, desde as facturas às multas de trânsito, enchendo cada vez mais o Estado de competências e de leis que visam entrar na intimidade dos cidadãos, no seu relacionamento social e naquilo que deveria constituir o terreno sagrado da autonomia individual faz deste governo a mentira das mentiras. Só não mentem numa coisa: a intenção deliberada, desde o primeiro dia, de colocarem a generalidade dos portugueses a "pão e água", enquanto que os grandes grupos económicos, os bancos, a classe financeira seguram as rédeas do Estado, numa promiscuidade que já não o é: os interesses económicos e financeiros tomaram conta da administração pública e usam todos os instrumentos que possuem (fisco, segurança social, polícia, ASAE, etc.) para espoliar a sociedade até onde puderem (mas sempre em nome de um liberalismo que apenas oculta o que são - um dos governos mais centralistas em Portugal desde o 25 de Abril, nalguns aspectos mais centralista até do que o próprio governo de Vasco Gonçalves, "campeão" das estatizações).

O caminho de oposição a este governo não é, por certo, o da imolação ou o do desespero. Tem que ser um caminho de luta e de acção concertadas entre quem mais sofre. Ou, retomando o belo jogo de palavras do movimento anarcosindicalista espanhol, ("Que el paro no te pare"), é preciso que o desemprego não nos desmobilize.

a.

Taxas de desemprego por região

Unidade: %

	4ºT-2011	3ºT-2012	4ºT-2012
Portugal	**14,0**	**15,8**	**16,9**
Norte	14,1	16,4	17,8
Centro	12,6	12,5	12,7
Lisboa	14,7	17,8	18,7
Alentejo	13,1	16,1	17,2
Algarve	17,5	14,7	19,7
R. A. Açores	15,1	15,4	16,2
R. A. Madeira	13,5	17,5	19,7

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 4º trimestre de 2012.

Cresce entrega de casas aos bancos

O número de casas entregues ao banco e de famílias na falência não pára de crescer. Dados da Associação dos Profissionais e Empresas de Mediação Imobiliária referem que o valor das casas entregues aos bancos por recuperação de créditos subiu 67% em 2012.

Segundo a imprensa económica, os quatro maiores bancos tinham, no final de Dezembro, 3,6 mil milhões de euros de imóveis entregues devido ao não pagamento das prestações de crédito.

No entanto, a maioria destas casas entregues são-no já não por particulares, que deixaram de pagar os empréstimos à habitação, mas de promotores imobiliários que não são capazes de escoar os imóveis e assim saldar as dívidas aos bancos.

Textos

Albert Libertad (nasceu em Bordéus, França em 1875 e morreu em Paris em 1908) é um dos mais conhecidos representantes da corrente anarcoindividualista que, embora sempre minoritária no seio do movimento anarquista, inspirou e influenciou de forma relevante todo o movimento libertário até aos dias de hoje. Partindo da afirmação de que a liberdade e o bem estar de cada indivíduo é a base e o fim da organização social, o individualismo anarquista não subordina nem opõe o individuo ao colectivo, nem entende que o colectivo deve ocultar o individual. Para os anarquistas em geral, muito influenciados pelos anarquistas individualistas, o colectivo só tem razão de existir se fortalecer e aumentar o espaço individual de todos os que o integram.

Albert Libertad

O Gado Eleitoral

Aqui mesmo, esbocei a traços largos o gado sindical, o gado patriótico, o gado dos fura-greves, o gado dos honestos; hoje tenho que pintar o mais importante dos gados, o mais forte pela patetice, o gado eleitoral.

Sobre a pele de burro do tambor nacionalista, sobre a pele do intestino de boi dos tamboris republicanos, às cordas da guitarra sentimentalmente humanitária, aos cobres da trombeta revolucionária, eis que se bate, que se toca, que se entoa a chamada do gado; é a ária pastoril dos eleitores que ressoa por toda a parte através do espaço.

Votem no Serapião, votem no Jeropigas, votem no Coisinho. Cartazes multicolores prendem-vos a atenção em todas as esquinas, a fim de vos contarem a candura, o espírito, a lealdade dum candidato qualquer.

Em poucas linhas, um Gérault Richard dos «boulevards» exteriores, um Rouvier assaltante de estradas, um Marchand da naifa e do pé-de-cabra tornam-se padrões de virtude, de honestidade e de doçura.

O gado eleitoral comenta a força do cajado pastoral de Fulano, a chicotada de Beltrano, o dedilhado crapuloso de Coiso e o desbocamento tonitruante de Jeropigas.

O gado pesa também o valor das promessas feitas; não que ignore que jamais serão cumpridas, mas para ficar com um pouco de ilusão.

A Lua, a felicidade, a diminuição dos impostos, a liberdade são outras tantas quimeras, nas quais não acredita mais, mas em que todavia lhe parece bom fingir acreditar ainda.

Corre aos encontros que lhe marcam os aprendizes de pastor, após ter feito a escolha com o jogo de dados da tasca. Vou ao comício dos nacionalíferos ou ao dos socialistóides? Os dados respondem.

Guarnece a sala e escuta religiosamente o orador-candidato que trincha fatias de felicidade e debita pequenos pacotes de reformas. Escancara as fauces e as orelhas para captar mais e mais.

«Terás a papinha feita, os passarinhos cairão bem fritinhos do céu para a tua boca; o teu pardieiro tornar-se-á um palácio: com trinta anos já viverás dos rendimentos, diz o candidato. – Ah!Ah!Ah!, como este homem fala bem! São mentiras que nos conta, mas como nos faz bem acreditar um momento que são verdades, diz o maníaco do voto».

Algumas vezes, acontece que outro candidato interrompa para dizer: "Não é exacto, os passarinhos cairão bem cozidinhos do céu para a tua boca». E o gado eleitoral segue, atento, o debate apaixonante: «Cozidos ou fritos, como serão preparados esses pássaros que não comerá?»

No momento em que todos estão em pleno sonho, uma voz interrompe brutalmente, sem precauções oratórias, os charlatães palradores:

«Os pássaros não cairão nem fritos, nem cozidos do céu para a tua boca, parvalhão. E se acaso caíssem logo todos preparados, seria, por causa da tua patetice, para as goelas dos candidatos.»

Então, há gritos, vociferações: «Matem-no! Escorracem-no! Cala a boca! Bufo! Agente da reacção! Amarelo! Vermelho! Jesuíta! Comuna!»

O que quer lançar a verdade para o ar é rodeado, empurrado; os punhos erguem-se sobre a sua cabeça, escarram-lhe para a cara, atiram -no fora.

E, tranquilo, o fazedor de promessas vende a felicidade a retalho, oferece o paraíso e o gado eleitoral retoma o fio do sonho que sonha bem acordado, bebe de novo o vinho decepcionante da esperança.

Como em todos os rebanhos, há os cabecilhas, o pessoal do comité. São aqueles a quem o candidato prometeu outra coisa que não a carne magra da esperança. Têm a missão de «aquecer» a sala, velar por que nenhum maçador possa entrar. Preparam o público, embriagam com vinhaça ordinária alguns matulões de pulso que farão com o peito uma muralha de protecção ao charlatão palrador.

Ao lado deles, há alguns sinceros: aqueles cuja patetice atinge o último grau. São os que melhor completam a maquia, são os carneiros que saltam pela borda fora, mostrando a via a todo o rebanho.

(continua na página seguinte)

(continuação)

Digamo-lo bem alto: que o gado eleitoral seja tosquiado, comido, temperado com todos os molhos, que mossa nos pode isso fazer? Nenhuma.
O que nos importa é que, arrastados pelo peso do número, rolamos na direcção do precipício, para onde nos conduz a inconsciência do rebanho. Vemos o precipício, gritamos que vamos partir a espinha. Se nos pudéssemos desembaraçar da massa que nos arrasta, deixá-la-íamos rolar para o abismo; pela minha parte até, di-lo-ei, creio mesmo que a empurraria para lá. Mas não podemos. Por isso, devemos estar em toda a parte para mostrar o perigo, para arrancar o véu que encobre o charlatão palrador. Tragamos para o terreno da realidade o gado eleitoral que se extravia pelas areias movediças do sonho.
Não queremos votar, mas os que votam, escolhem um amo, o qual será, quer nós queiramos ou não, o nosso amo. Por isso, devemos impedir quem quer que seja de consumar o gesto essencialmente autoritário do voto.
No meio dos nacionalistas e dos socialistas, dos republicanos e dos monárquicos, a toda a parte devemos levar a palavra anarquista: «Nem Deus, nem amos.»
E quer pela razão, quer pela violência, temos que impedir a corrida para o abismo, para onde nos arrastam a frouxidão e a patetice dos maníacos do voto.
Que o gado eleitoral seja levado à correada, isso pouco nos importa, mas o facto é que ele constrói barreiras, estacarias, dentro das quais se amalha e nos quer amalhar, nomeia amos que o dirigirão e nos querem dirigir.
Essas barreiras que envolvem os cercados e os redis, são as leis.
Esses amos são os legisladores.
Temos que trabalhar para destruir quer estes, quer aqueles, ainda que, para o efeito, tivéssemos que espalhar ao longe o estrume onde crescem os deputados, o estrume eleitoral.

Albert Libertad, 18 de Abril de 1906

(publicado em "Albert Libertard, Textos de Crítica da Democracia", traduzido por Júlio Carrapato, edição de Livraria Editora Sotavento, 1979)

Aos resignados

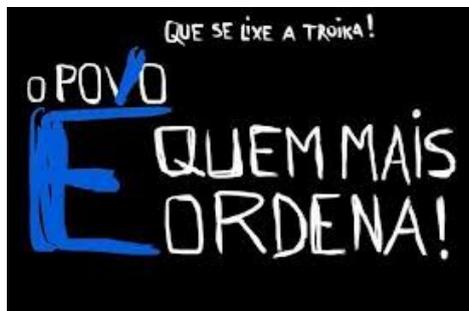
Odeio os resignados, tanto como os imundos, como os inertes.
Odeio a resignação! Odeio a imundície, odeio a inacção.
Odeio o doente abatido por alguma febre maligna; odeio o doente imaginário que com um pouco de vontade podia pôr-se de pé.
Compadeço-me com o homem encarcerado, rodeado de carcereiros, esmagado pelo peso das correntes e do número.
Odeio os soldados, dobrados pelo peso de um galão ou por três estrelas; os trabalhadores dobrados pelo peso do capital.
Estimo o homem que diz o que sente onde quer que se encontre; odeio o votante em perpétua conquista de uma maioria.
Estimo o sábio esmagado pelo peso da investigação científica, odeio o individuo que se coloca debaixo do peso de uma força desconhecida, de um qualquer X, de um Deus.
Odeio todos aqueles que cedendo aos outros, por medo ou por resignação, uma parte da sua força de homens, não só se deixam esmagar a si mesmos, mas também a mim, a tudo o que eu amo, debaixo da sua infame iniciativa ou da sua estúpida inércia.
Odeio-os, sim, odeio-os porque o sei, sei que não me ajoelho diante das insígnias do oficial, ante o bando do presidente de Câmara, ante o ouro do capitalista, ante todas as suas morais e religiões; há já algum tempo que sei que tudo isto são apenas bugigangas que se quebram como o vidro… Estou esmagado com o peso da resignação de outros. Odeio a resignação.
Amo a vida.
Quero viver, não de forma mesquinha como os que satisfazem apenas uma parte dos seus músculos, dos seus nervos, mas indo mais além, satisfazendo tanto os músculos faciais como os das pernas, tanto os rins como o cérebro.
Não quero entregar uma parte do hoje em troca de um fictício amanhã, não quero ceder nada do presente em troca do vento do futuro.
Não quero colocar nada de mim por baixo das palavras: "pátria, deus, honra". Conheço muito bem o vazio destas palavras: fantasmas religiosos e laicos.
Rio-me das pensões, dos paraísos; esperanças utilizadas pelo capital e pela religião para nos manterem resignados. Rio-me de todos os que acumulam para a velhice e se privam na juventude; daqueles que, para comer aos sessenta, jejuam aos vinte.
Trocemos da família, da lei, antigas formas de resignação.
Mas isso não é tudo; uma vez que tenho olhos e ouvidos quero, para além de comer, beber e fazer amor, ter prazer de outras maneiras. Quero ver belas esculturas, belas pinturas, admirar Rodin ou Monet. Quero escutar as melhores óperas de Beethoven ou de Wagner. Quero conhecer os clássicos da comédia, revisitar a bagagem literária e artística que liga os homens do passado aos do presente; ou melhor, revisitar a obra sempre inacabada da humanidade.
Quero prazer para mim, para a companheira que escolher, para os meus filhos, para os meus amigos. Quero uma casa agradável para descansar o corpo quando acabe de trabalhar. Porque quero também o gozo do trabalho, esse gozo saudável, esse gozo forte.
Quero que os meus braços usem a serra, o martelo, a pá, a gadanha. Que os músculos se desenvolvam, que a caixa toráxica se encha com movimentos fortes, úteis e equilibrados.
Quero ser útil, quero que sejamos úteis. Quero ser útil ao meu vizinho e quero que meu vizinho me seja útil. Desejo que façamos mais, porque a minha necessidade de gozar é insaciável. E é porque quero gozar que não me resigno.
Sim, sim, quero produzir, mas quero gozar; quero amassar a farinha, mas comer o melhor pão; fazer a vindima, mas beber o melhor vinho; construir uma casa, mas viver no melhor alojamento; construir móveis, mas possuir também o útil, ver o belo; quero fazer teatros, mas tão grandes que neles possam caber todos os meus companheiros.
Quero participar na produção, mas também no consumo.
Existem homens que sonham produzir para deixar aos outros - ó ironia - a melhor parte dos seus esforços; eu quero, de forma livre e associado a outros, produzir mas também consumir.
Resignados, olhem, cuspo nos vossos ídolos, cuspo em Deus, cuspo na Pátria, cuspo em Cristo, cuspo em todas as bandeiras, cuspo no capital e no Tosão de Ouro, cuspo nas Religiões: bugigangas, escarneço, rio-me de todas elas…
Sem vocês não são nada, se as abandonarem desfazer-se-ão como migalhas.
Contudo, sois uma força, ó resignados, uma dessas forças ignoradas, mas que, apesar disso, não deixa de ser força, e não posso cuspir em cima de vocês, só vos posso odiar…. ou amar.
Por cima de todos os meus desejos está o de ver-vos sacudir a vossa resignação num tremendo despertar de vida.
Não há nenhum paraíso futuro, não há futuro, nada há senão o presente.
Vivamos!
Vivamos! A resignação é a morte.
A rebelião é a vida.

Albert Libertad

Movimentos sociais

2 de Março: é preciso evitar que o movimento social seja presa fácil das estratégias políticas

Vários colectivos e organizações marcaram uma manifestação para o próximo dia 2 de Março. Muitos dos seus subscritores estiveram também ligados a outros momentos de indignação popular como o 12 de Março, o 15 de Outubro, o 12 de Maio (que acabou por ser um fiasco) e o 15 de Setembro. Em todos estes momentos, embora variasse, houve milhares de pessoas que saíram às ruas mostrando a sua indignação, o seu protesto, a sua revolta. Agora, dia 2 de Março pretende-se o mesmo: mostrar que estamos indignados. Bastará? Não se sabe já isso? São precisos mais dados concretos?

Claro que não. Todos sabemos que há uma indignação e uma revolta generalizadas com as condições de empobrecimento, de miséria e de corte em tudo o que são direitos sociais levados a cabo pelo actual governo, sob o álibi da troika. Daí que, como proposta, este grupo que convoca a manifestação tenha uma alternativa: **"Exigimos a demissão do governo e que**

o povo seja chamado a decidir a sua vida", dizem no manifesto que convoca o protesto. E aqui é que a **"porca torce o rabo**": afinal que alternativa é esta que nos propõem que apenas significa deixar tudo como está ou, em contraponto, entregar o governo ao PS que não fará nada de muito diferente daquilo que o PSD/CDS estão a fazer?

Mas será que estas dezenas de pessoas que assinam o manifesto não terão alternativa melhor? Nunca ouviram falar da auto-organização; da possibilidade de organização social por parte de grupos organizados e em rede, autogestionários; das capacidades do movimento popular em encontrar, através das assembleia populares e da democracia directa, formas de autogoverno? Nesta altura do **"campeonato"** virem propor como mobilização aos movimentos sociais a **"demissão do governo"**, enquanto uma das palavras de ordem centrais, mais parece uma alternativa mentirosa e (uma vez que se sabe que mesmo que haja a queda deste governo qualquer outro que para lá vá vai fazer o mesmo, ou com muitas semelhanças), não será o mesmo que pretender desmobilizar o protesto e a indignação a troco de meia dúzia de votos que não vão servir para nada??

Entre mentiras e não ditos esta palavra de ordem, embora apetecível para muitos de nós que sofrem na pele a actuação deste e de outros governos, esconde por detrás o que é a farsa do eleitoralismo: BE e PCP querem eleições porque se contentam com

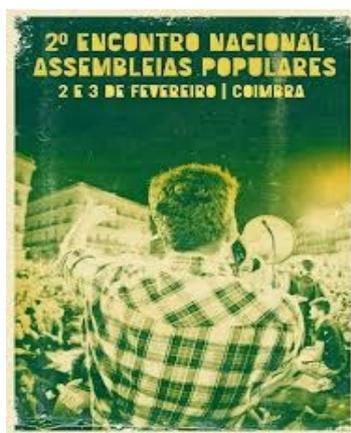
(continua na página seguinte)

2º Encontro de Assembleias Populares em Coimbra

Reforçar a comunicação entre as Assembleias de todo o país

O Colectivo Libertário de Évora esteve presente no II Encontro de Assembleias Populares realizado em Coimbra nos dias 2 e 3 de Fevereiro. Foi um encontro importante em que diversos elementos de colectivos de base de todo o país estiveram reunidos numa troca muito positiva de experiências.

Participaram nesta iniciativa companheiros dos Indignados de Lisboa, Assembleia Popular da Graça, Assembleia Popular de Coimbra, Assembleia Popular de Évora, Assembleia Popular de Santarém , a plataforma antimilitarista PAGAN, vários colectivos espanhóis , entre os quais a Asamblea Aberta de Compostela, a Comisión Internacional de Barcelona, a Comisión de Comunicación de Madrid e o colectivo People Witness, além de outros elementos a título individual que integram grupos horizontais e assembleários.

O Encontro começou no sábado, dia 2, com uma breve ronda de apresentação das pessoas e dos colectivos presentes. Cada um expôs o trabalho já realizado, assim como os

projectos em marcha. Para além disso, analisaram-se os problemas e os obstáculos existentes. A seguir formaram-se grupos de trabalho para aprofundar o debate em torno de três eixos principais: alternativas e soluções para os problemas identificados (tanto quanto a acções como a metodologia de funcionamento), construção de ferramentas de comunicação interna e externa e articulação com outros colectivos e movimentos sociais. À noite abordou-se a temática em torno das ocupações, através da projecção dos documentários sobre as experiências de São Lázaro 94, em Lisboa, e da Es.Col.A da Fontinha, no Porto.

No domingo, dia 3, expuseram-se as ideias surgidas nos grupos de trabalho. A tarde foi dedicada à realização de uma oficina sobre a criação de ferramentas web de comunicação, com uma aplicação prática no contexto do Encontro ao desenvolver estruturas para a existência de uma comunicação fluída entre os/as participantes. A Assembleia Popular de Coimbra exerceu uma vez mais o seu papel de anfitriã, organizando uma cozinha comunitária e facilitando o alojamento através de uma rede de "Repúblicas" da cidade. Houve também tempo para a abertura de outros debates e para o estabelecimento de relações informais, cumprindo o objectivo transversal do Encontro: a criação de redes inter-assembleárias para uma maior coordenação.

R. (com C. da Assembleia Popular da Graça)

(continuação)

mais um ou dois deputados, vivem do dinheiro das rendas parlamentares e os momentos eleitorais são óptimos para relegar as lutas populares e autónomas para segundo plano. Pouco lhes importa quem ganhe as eleições. Sabem que não são eles, mas com mais um ou dois eleitos – se for esse o caso – sempre podem gritar por vitória

Sem querer pretender que as manifestações apenas têm este objectivo – e isso não é verdade -, nem que entre quem as convoca não haja muitas pessoas de boa fé, julgo que não vale a pena fazermo-nos de ingénuos e considerar que o BE, por exemplo, não tem ali uma "mãozinha" forte. Isso não seria grave desde que fosse feito de maneira aberta, clara e transparente e que o eleitoralismo desbragado de querer hipotecar o movimento popular em troca de um pozinhos de percentagem eleitoral (e vamos a ver se os vão ter…) fosse posto de parte.

Todos os momentos são bons para o protesto e para a indignação, mas o protesto e a indignação têm que dar origem a momentos de construção de alternativas sólidas e consequentes. Pretender que a consequência e alternativa dos protestos de ontem, de hoje e do futuro será **uma mudança de governo** (qualquer que ele seja) e **de chicote** dá a bem ideia que os políticos têm dos movimentos sociais: apenas carne de canhão para os seus projectos partidários, particulares e nauseabundos.

Por isso, seria bom o aparecimento de **outras convocatórias** para o dia 2 de Março, também elas de protesto e indignação, que pudessem desaguar no grande mar que nesse dia serão muitas cidades do país, mas que não se limitassem ao reformismo e eleitoralismo patentes na convocatória original. Podemos marchar juntos, mas temos que ter consciência que não marchamos todos para um mesmo lado. Uns querem-se representar no Parlamento e ficam satisfeitos. Outros, como nós, nunca aceitaremos que nos representem!

e.m.

Memória Libertária

Elias Matias

Fotografia de Elias Matias tirada por Inácio Martinho, um fotografo profissional de Évora. Esta fotografia de Elias Matias, operário sapateiro e militante anarquista eborense, foi entregue pelo próprio ao Arquivo Histórico-Social, criado pelo Centro de Estudos Libertários, reunido em Lisboa nos anos 1980-1987 e depositado na Biblioteca Nacional. (agora disponibilizada no projecto MOSCA - http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php)

Em Évora ainda há pessoas que se recordam de Elias Matias, um velho militante anarquista, operário sapateiro, falecido em 1990, a poucos meses de fazer os 102 anos. Encontrei-me com Elias Matias algum tempo depois do 25 de Abril de 1974, quando um grupo de jovens, entre os quais me encontrava, rumou a Évora e ao Alentejo. Aqui em Évora estivemos com Elias Matias, de quem trazíamos o contacto, numa altura em que, já reformado e com quase 90 anos, passava o seu tempo livre ajudando num pequeno café. Alguns de nós apresentámo-nos como anarquistas e Elias Matias, muito simpático, contou-nos algumas passagens do movimento de trabalhadores na I República e as diferenças com o momento que então se vivia, em que predominavam os partidos políticos e não os movimentos de trabalhadores. No final, recordo-me, "como são camaradas", fez-nos um pequeno desconto no que tínhamos consumido.

Infelizmente nunca mais tive oportunidade de estar com Elias Matias, um elemento preponderante na difusão e na organização anarquista na região de Évora durante várias décadas e com uma grande influência na organização dos trabalhadores agrícolas alentejanos. Foi membro do Grupo Propaganda Livre, que editou o "Avante!" em Évora (1908-1912) e correspondente de "O Sindicalista" e "A Aurora" (1911-1912), sob o pseudónimo de "Marti". Foi ainda membro do Grupo Revolucionário "Luz e Acção" (Santiago do Escoural, 1923) , filiado na União Anarquista Portuguesa.

Sempre muito ligado também ao movimento associativo dos trabalhadores rurais, Elias Matias integrou o Comité de Greve constituído em 1911, aquando do grande movimento grevista nos campos do sul.

Colaborou no reaparecimento do jornal "A Batalha" em Setembro de 1974 e em 1985 editou o livro "O Alentejo Em Luta", na Cooperativa Editora Sementeira.

c.j. (com arquivo MOSCA)

Imprensa Libertária: "A Questão Social"

Ano 1.º — Cuba, (Alentejo—Portugal) 2 de Janeiro de 1916 — N.º 1

A QUESTÃO SOCIAL

Ha mais luz nas 24 letras do alfabeto do que em todas as constelações do Firmamento.—GUERRA JUNQUEIRO

Redacção e administração: Rua—Alvaro de Castelões—CUBA. Composição e impressão: Tip. de «A Folha de Beja» | PUBLICA-SE AOS DOMINGOS. Redactor efectivo—GONÇALVES CORRÊA. Editor—J. F. BORRALHO LUCAS. Propriedade de António Gonçalves Corrêa | Assinaturas: PAGAMENTO ADEANTADO

Quem somos e o que queremos

A todos

Estava a iniciar-se o ano de 1916 quando António Gonçalves Correia, caixeiro-viajante e revendedor de diversos produtos para a construção civil, lança na vila de Cuba, onde vivia, o semanário "A Questão Social" que, apesar de durar apenas alguns meses, tem uma importância muito grande na divulgação das ideias anarquistas, mas também do naturismo, do feminismo e do vegetarianismo, no Alentejo. Multifacetado, o jornal dirigido por Gonçalves Correia recebe também correspondência de toda a região, dando conta dos movimentos populares contra carestia de vida, da repressão que era uma constante, por parte da GNR e mesmo das forças militares contra o movimento dos trabalhadores rurais. Noticias de Vale de Santiago, de São Manços, do Redondo, de Évora, etc., eram frequentes.

Neste jornal (de que pode ser consultada a colecção de 19 exemplares via online no site: da Biblioteca de Beja (ou aqui: http://colectivolibertarioevora.wordpress.com/imprensa-libertaria/) começa também Gonçalves Correia a esboçar as ideias em torno de uma "Comuna" e daquilo que dois anos mais tarde será a "Comuna da Luz", a primeira comunidade de vida e trabalho a surgir em Portugal, nas Fornalhas Velhas, junta ao Vale de Santiago, no concelho de Odemira.

A Fechar

Comuna Kronstadt

Uma casa okupada nos anos 70 em Lisboa

Hoje, em que tanto se fala em casas ocupados e espaços autogestionados, vale a pena recordar aquela que foi a primeira casa ocupada por anarquistas em Lisboa após o 25 de Abril de 1974 e a que foi dado o nome de "Comuna Kronstadt", em homenagem aos marinheiros deste porto russo que, depois de se terem levantado contra o Czar, foram também os primeiros a revoltarem-se contra o novo poder autocrático dos bolcheviques.

A ocupação deverá ter acontecido nos finais de 1974, início de 1975, e foi levada a cabo por jovens anarquistas portugueses e espanhóis que, na altura, ainda Franco era vivo em Espanha, procuravam em Portugal seja o exílio, seja a participação no processo português que, na altura, se entendia como potencialmente revolucionário.

O palacete situava-se na rua Ribeiro Sanches, à Lapa, junto à rua das Janelas Verdes e estava num adiantado estado de degradação. O rés do chão estava ocupado por um recolector de papel e de cartão, enquanto que o segundo andar estava já sem condições de habitabilidade.

Ao longo dos anos (o palacete esteve ocupado até talvez finais dos anos 70) foram-se fazendo obras de restauro no 1º andar (casa de banho, portas, vidros, etc.) e pela "Comuna Kronstadt" passaram e viveram algumas dezenas de jovens, a maioria libertários, e ali se realizaram muitas reuniões anarquistas, foram preparadas manifestações, etc.

Algumas vezes também a policia fez surtidas no espaço, apreendendo algum material.

Posteriormente o edifício (hoje, na foto) foi recuperado e transformou-se numa residência de luxo.

a.

Na Associação Cultural "é neste país"

Colectivo Libertário promoveu debate sobre "Troca"

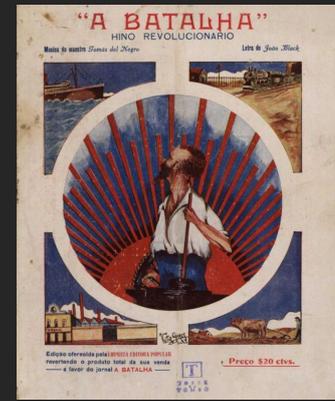
Tal como estava previsto realizou-se no dia 1 deste mês a projecção do documentário "A Troca" sobre a experiência argentina de um sistema de trocas que chegou a atingir 6 milhões de pessoas no início dos anos 2.000.

À projecção do filme - uma iniciativa do Colectivo Libertário de Évora, a que se juntou a associação cultural "é neste país", cedendo as instalações - seguiu-se um animado debate.

Apesar do número de pessoas presentes não exceder a dezena a conversa foi interessante, tendo havido intervenções que detalharam a experiência argentina com mais pormenor e outras que abordaram a necessidade de, neste momento de crise económica e social, se encontrarem fórmulas comuns que permitam um funcionamento em rede da sociedade e em que o sistema de troca tenha alguma expressão.

Importante foi também o relato da experiência que um grupo de moradores de Évora tem vindo a fazer nesta matéria. Aproveitando o facto de no dia seguinte (dia 2) se ir realizar um espaço de trocas numa quinta na zona da Garraia (onde existe esta prática já há algum tempo, embora restrita a produtos hortícolas, compotas, etc.), uma das promotoras da iniciativa explicou que em cada edição de trocas aparece mais gente e mais produtos e que tem sido uma experiência importante, que é preciso alargar a outro tipo de áreas, nomeadamente aos serviços.

O filme "A Troca", com legendas em português, pode ser visualizado em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=3kkXle4pG2Q

> *"A liberdade não se concede, conquista-se"*
>
> Pedro Kropotkin

I

Surgindo vem ao longe a nova aurora,
Que os povos há-de unir e libertar,
- Desperta, rude escravo, sem demora,
Não leves toda a vida a meditar.

Destrói as cruas leis da sujeição
E quebra as vis algemas patronais!
O mundo vai ter nova rotação,
Os homens hão de ser todos iguais.

Côro

É justo aos parasitas dar batalha,
A terra só pertence a quem trabalha.

II

Labutas atrelado ao cruel jugo,
Em troca da miséria por desdouro,
Enquanto o teu patrão, o teu verdugo,
Aumenta à tua custa o seu tesouro.

É tempo já de erguer bem alto a voz,
Bradar ao causador do teu sofrer:
- A terra foi legada a todos nós;
Trabalha tu também, é teu dever.

Côro

É justo aos parasitas dar batalha,
A terra só pertence a quem trabalha.

III

Terrível convulsão sacode a terra
Sedenta de justiça e Liberdade.
À guerra de opressão sucede a guerra
Que tende a redimir a humanidade.

Saudemos, pois, o facho do porvir,
Das hostes comunais suprema luz.
O lema do futuro é produzir;
Dos lucros só partilha quem produz.

Côro

É justo aos parasitas dar batalha,
A terra só pertence a quem trabalha.

Letra João Black
Música maestro Del-Negro